



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

O LETRAMENTO LITERÁRIO E A COMPREENSÃO DO REAL NOS CONTOS DE FADA

Marcos Antonio de Oliveira

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/professor_marcosantonio@hotmail.com

Hilma Liana Soares Garcia da Silva

Escola Estadual Jerônimo Rosado/hilmaliana@hotmail.com

RESUMO: A literatura infantil tem uma importância muito grande na descoberta da vida da criança. É a partir dela que muitos leitores infantis conseguem superar problemas existenciais e também sociais, pois aprendem a vencê-los com lições encontradas nas histórias lidas. O letramento literário pode contribuir para que o professor encontre alternativas a fim de orientar a criança a enfrentar medos e superar dificuldades. O gênero textual conto de fada traz à tona medos e anseios das crianças, as quais, muitas vezes, se veem no lugar de um personagem que enfrenta alguma dificuldade. Como as histórias foram criadas por seus autores a partir de situações reais, é possível apresentá-las para o leitor infantil de forma que o texto literário seja visto como uma forma de superação de limites, ou seja, a partir das histórias pode ocorrer o enfrentamento de problemas reais. A literatura, além de emocionar, dar prazer, também serve como um reflexo da experiência do leitor que, ao ler uma história, identifica nela aquilo que ele vivencia. Nas histórias, estão também informações sobre o mundo que os cerca e experiências sobre as relações humanas. A fantasia presente nos contos de fada pode amenizar o sofrimento causado pela exclusão e pela incapacidade de conseguir superar as dificuldades, fazendo a criança encontrar forças para vencer os desafios, seguindo os exemplos das personagens das histórias. Situações envolvendo bruxas, fadas, heróis imaginários, reinos distantes, lugares incomuns podem colaborar para uma mudança de postura da criança. Na leitura, o leitor infantil constrói significados. E essa construção passa pela vivência.

PALAVRAS-CHAVE: Contos de fada, Compreensão da realidade, Letramento.

INTRODUÇÃO

Ser letrado é mais do que saber decodificar palavras para compreender o que está escrito. O termo letramento se refere ao uso da leitura e da escrita como prática social, ou seja, como forma de compreender não apenas o que leu, mas também relacionar fatos, opiniões, ideias, eventos do cotidiano com aquilo que está posto no livro.

No caso da literatura, o letramento literário, como afirmam Souza e Cosson (2006), é importante para “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas”.

De acordo com Soares (2006, p. 18), “letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.



Para as crianças, compreender o mundo em que ela vive a partir da trama dos contos de fada pode não ser tão fácil. Mas é necessário. Assim ela poderá enfrentar seus medos ao observar exemplos de personagens que superaram dificuldades tidas como insuperáveis.

É na escola que esse momento de descoberta, esse ensinar a ler, poderá ser incentivado pelo professor, pois é ele que servirá de mediador entre o conto de fadas e a criança, orientando-a para identificar que situações aconteceram e como determinada dificuldade foi enfrentada pela personagem, fazendo a criança se identificar com o herói ou heroína. Ou seja, o professor terá o papel de “ensinar” à criança que a leitura também traz benefícios no campo pessoal, na descoberta de suas próprias capacidades de enfrentar obstáculos.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tampouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens. Se tomada como uma maneira particular de compor o conhecimento, é necessário reconhecer que sua relação com o real é indireta. Ou seja, o plano da realidade pode ser apropriado e transgredido pelo plano do imaginário como uma instância concretamente formulada pela mediação dos signos verbais. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2001, p. 37)

Se essa ligação com o real é indireta, como afirmam os PCN, o que faz, então, com que o texto literário adquira sentido para o leitor, principalmente, a criança? A possibilidade de que o que está sendo vivido na história possa ter alguma relação com o que está sendo vivenciado na vida real. É isso que chama a atenção da criança, a possibilidade de estar e não estar ao mesmo tempo na história.

Assim, pensar nos contos de fadas como uma forma de mesclar realidade e fantasia para interferir na vivência da criança pode ser uma saída para se criar o gosto pela leitura e também para perceber que, através da literatura, é possível se resolver os problemas reais. É dessa forma que o letramento literário pode ser desenvolvido na escola. Este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância do letramento na compreensão dos textos literários pela criança.

Paiva e Rodrigues (2009, p. 108) afirmam que, “por meio dessas narrativas, anuncia-se um mundo justo onde o bem e mal se separam para provocar situações imaginárias de superação de limites”.

Embora no século XX os livros tenham se tornado acessíveis para uma grande parcela da população, muitas crianças continuaram ouvindo histórias orais, contadas por membros mais velhos da família, como os avós.

Antes de os livros estarem mais presentes nas casas e nas mãos das crianças, o processo de apresentação das histórias se dava de forma bem simples: alguém contava as histórias. Durante a noite, geralmente, a família se reunia no alpendre da casa para ouvir as histórias que a mãe, o pai, a



avó ou o avô contava. As crianças, encantadas, ouviam atentamente tudo o que se passava no mundo da imaginação.

As histórias não nasceram do nada. Elas têm um percurso, uma origem, um motivo. Elas nasceram do meio do povo. Enquanto a mulher lavava roupa, fazia a comida, ia tecendo histórias, que eram contadas para os filhos que estavam ao lado. As histórias eram uma forma de entreter. Hoje, elas continuam vivas na memória de muitos, sendo vistas como um importante recurso pedagógico para educar crianças que precisam se tornar fortes psicologicamente e construir seu próprio caminho.

Entre as histórias que eram recontadas para as crianças estão os contos de fadas, que trazem situações fantasiosas envolvendo pessoas comuns e também os nobres, como reis, rainhas, príncipes e princesas, e ainda seres mitológicos, como as bruxas. Essas histórias, por serem fantasiosas, encantam a todos e propõe uma mudança de atitude a partir das lições ensinadas implicitamente pelas personagens.

METODOLOGIA

Embasado em autores como Cosson, Soares (2006), Bettelheim (2007), Silva (2009), Coelho (2000), os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), entre outros, o artigo contém uma revisão de literatura referente aos estudos de letramento e literatura.

Sabe-se que a literatura existe desde que o homem começou a contar nas pedras das cavernas histórias de caçadas, de vida em grupo, através dos desenhos rupestres, que foram resistindo ao tempo e serviram de registro de toda a história de uma comunidade.

Assim como essas pinturas, o texto literário também resiste ao tempo, trazendo descobertas e reflexões de grande significado para o leitor através do registro da vida de uma sociedade.

De lá para cá, a forma de escrita mudou a tal ponto que quem lê uma obra se sente tocado e acaba entrando em um mundo diferente, onde sonho e fantasia fazem parte do enredo, mesmo que aquela fantasia tenha um fundo de verdade. O real e a fantasia se misturam para, depois, se separarem, quando ocorre a compreensão do porquê aquilo que está escrito ocorreu.

O texto literário é mais do que suas estruturas discursivas, ele extrapola esse universo concreto para adentrar-se nas construções do imaginário de cada leitor, realizado no poético que é da ordem do ontológico. Portanto, o elo que estabelece com a realidade é a possibilidade de sentido que a escritura proporciona. (CAVALCANTI, 2002, p. 13)



Quando se fala em literatura, imagina-se apenas o texto escrito. Porém, há uma literatura que não é escrita, que se dá de forma oral e é recontada de geração para geração através dos membros de um grupo, de uma comunidade.

Com o tempo, e com a descoberta da escrita, a literatura passou a ser também registrada em materiais como barro, pedras, papiro, entre outros. De acordo com Filho (2009, p. 38), bem antes do século XVIII, quando a literatura já não ficava apenas na oralidade, havia uma separação entre a literatura para o público infantil das classes socialmente abastadas e para quem não tinha posses. Quem pertencia às altas classes sociais lia os clássicos da literatura, sob a orientação dos pais; já quem pertencia às classes menos favorecidas tomava contato com uma literatura oral e destinada para adultos. A criança era vista como um adulto em miniatura, portanto, deveria ler a mesma coisa que os adultos liam.

Percebe-se, dessa maneira, a inexistência da literatura infantil, na forma contemporânea, pois, oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função da classe social. (FILHO, 2009, pp. 38-39)

Apesar dessa distinção entre as classes sociais e, conseqüentemente entre o que liam as crianças, havia autores que se interessavam pelo universo infantil e pela educação dos pequenos, como foi Charles Perrault, que viu nas histórias uma forma de educar as crianças através das metáforas estabelecidas pelos textos.

Assim como Perrault, outros autores, como os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, aproveitaram as histórias orais e as transformaram em textos escritos para que as crianças pudessem aprender lições importantes para o seu crescimento intelectual e como indivíduo.

A literatura infantil tem sido inserida nas escolas de uma forma muito objetiva, ou seja, não há, muitas vezes, uma preparação para que a criança ou o jovem possa entrar no mundo das histórias contadas. Não que a história sirva de exemplo de bom ou mau comportamento. Mas ela deveria ser vista como um objeto de reflexão acerca de determinadas atitudes. Geralmente, o professor leva um texto para a sala de aula e o aplica aos alunos. Esse texto lhes chega aos pedaços, sem uma ligação com o todo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), o trabalho com o texto literário deve ser incorporado às práticas cotidianas de sala de aula, o que não está sendo feito. O texto serve, em geral, como um pretexto para se trabalhar algum elemento do conteúdo da disciplina



que está sendo vista no momento, quando, na verdade, o texto deveria servir de diálogo entre os mundos real e fantástico.

RESULTADOS

É inegável a importância dos contos de fadas para o desenvolvimento da criança. Em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, Bettelheim (2007) explora o mundo psicanalítico presente nessas histórias encantadas, que traziam grandes reflexões travestidas de histórias fictícias.

É importante ressaltar, de acordo com Parreiras (2009), que o termo conto de fadas se dá pelo clima de encantamento e de transformação, não especificamente por que existem fadas na história. Em boa parte delas, há a ausência das fadas. A fantasia é que caracteriza o texto como um conto de fadas.

Para Bettelheim (2007), é nessas histórias “fantasiosas” que a criança encontra significado para muitos dos seus problemas no cotidiano. Vida e morte, sofrimento, preconceito, ideia de beleza, tudo está contido nessas histórias, as quais são lidas e assimiladas pelas crianças como possibilidades de conseguir vencer os desafios propostos pela vida real. Na verdade, as crianças se enxergam nessas histórias, cujas personagens não são tão irreais assim e não estão tão longe do cotidiano de cada uma.

Justamente porque a vida é com frequência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. [...] Necessita de ideias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida. (BETTELHEIM, 2007, p. 12)

Os contos de fadas utilizam situações imaginárias as quais trazem ocultas situações verdadeiras. Como ocorre, por exemplo, em *O patinho feio*, de Hans Christian Andersen.

A história fala de um cisne que se sentia excluído pelo grupo por ser diferente dos demais. Ele nasceu em meio aos patinhos, mesmo sendo um cisne. Não sabia ele que tinha sido colocado junto dos outros. Ele se questiona o motivo de ser diferente. Ao longo da história aprende lições importantes para sua vida, culminando com a descoberta de que a diferença não é ruim. Tanto que ele se transforma em um “belo cisne negro” e passa a ser aceito por todos.

Esse conto de fada traz à tona questões referentes ao preconceito existente entre as crianças, e até mesmo entre jovens e adultos. Não é por ser diferente que alguém deve ser excluído. Muitas vezes, a diferença encerra uma grande transformação.



O que é real e o que é fantasia no mundo da criança? Esses dois conceitos se misturam, pois é a partir do mundo da fantasia que a criança abre as portas para um outro mundo (o real), e que muitas vezes pode ser bastante doloroso para ela, pois implica escolhas.

Hoje, as crianças não crescem mais cercadas da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por conseguinte, mais ainda do que na época em que os contos de fadas foram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que têm de partir para o mundo sozinhos e que – apesar de no início ignorarem o que o futuro lhes reserva – encontram nele lugares seguros ao seguir seus caminhos com uma profunda confiança interior. (BETTELHEIM, 2007, p. 19)

Porém, embora seja dolorosa essa descoberta a partir de uma história lida ou ouvida, a criança acaba sentindo segurança, pois descobre que tal personagem passou pela mesma situação que ela passou, com enredos semelhantes e que, assim como na história, o final pode ser melhor, já que nos contos de fadas as histórias sempre terminam com a personagem central conseguindo alcançar seus objetivos. A própria descoberta de si mesma, do que a criança é capaz de fazer na sua vida, pode lhe fazer crescer psicologicamente.

A criança se mostra insegura diante de um mundo repleto de obstáculos. Se para um adulto as dificuldades se mostram evidentes, para uma criança elas alcançam um grau mais elevado. Segundo Bettelheim (2007), não se pode oferecer às crianças apenas histórias reais, passadas em ambientes próximos da realidade das crianças porque isso pode frustrá-las ou afastá-las do mundo da fantasia.

É necessário que os contos de fadas sejam vividos em ambientes fantásticos, imaginários. Isso fortalece a criança para que ela possa compreender o porquê acontece determinada situação com ela. O interior da criança fica desacreditado, e sua realidade interior não é compatível com a realidade de seus pais. Como atesta Bettelheim (2007): “Se uma criança ouve apenas ‘histórias fiéis à realidade’ (o que significa: falsas para partes de sua realidade interior), pode concluir então que muito de sua realidade interior é inaceitável para seus pais”.

Coelho (2000) observa a importância do maravilhoso e do fantástico na formação da criança quando diz:

O maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, a nosso ver, *não será prejudicial à formação de sua consciência crítica* (grifo da autora) (como temem muitos, ao lembrarem a falsidade das divisões estanques, Bem/Mal, Certo/Errado, etc., que caracteriza os contos maravilhosos). (COELHO, 2000, pp. 54-55)



Assim, a criança passa a perceber que existem dualidades na vida, e que cabe a ela escolher de que lado ficará, através da personagem da história com a qual ela se identifica. Há algumas correntes que criticam os contos de fadas, afirmando que eles induzem a criança a adotar determinado comportamento considerado antiético, e que é preciso criar outro final para eles. O mesmo ocorre com as clássicas músicas infantis, como “Atirei o pau no gato”.

Porém o que está em jogo é justamente um julgamento de valor que vai sendo feito ao longo do processo de amadurecimento da criança. É isso que vai fortalecê-la psicologicamente para compreender como sair de uma situação pela qual está passando. Inconscientemente, a criança compreende que há algo errado e que precisa ser consertado. Virá um momento em que o vilão pagará pelas suas injustiças. E o herói alcançará a vitória almejada.

Os contos de fadas são metáforas da vida real. Esse mecanismo literário serve para dizer uma coisa de uma maneira que não seja tão violenta, ou tão moralista. O real e a fantasia se juntam para formar um todo. Ao final, se separam para dar um sentido ao que acontece. Mas é possível pôr-se no lugar do outro? Viver uma outra vida que não a verdadeira e, de repente, se dar conta de que tudo o que foi lido tem semelhança com o que está acontecendo? É possível, sim.

Assim é a metáfora: ser um e ser mil ao mesmo tempo, vivendo tudo e nada no momento da leitura. As metáforas que povoam as histórias trazem para a vida real todos os dramas vividos pelas personagens. Para o leitor, a narrativa, considerada boba, muitas vezes, ou infantil demais, sem sentido, pode encerrar uma situação real, cujo foco é voltado para o enfrentamento de obstáculos e momentos difíceis por que passa o leitor, porque ele se reconhece como sendo aquele que está na história.

Nas histórias infantis, as personagens estão sempre passando por situações difíceis, seja de exclusão, de miséria, de comportamento ou de moralismo e conseguem sobressair, mudando de um estado de fracasso para um de vitória. Daí o caráter motivador e pedagógico das histórias, além da auto-afirmação. O leitor aprende sistematicamente o que precisa fazer para transpor o obstáculo.

Na literatura, a metáfora surge como uma analogia a alguma situação. Como observa Ricoeur *apud* Ullmann (2000, p. 185): “A metáfora é, em última análise, uma comparação abreviada. Mais que constatar explicitamente as analogias, comprime-as em uma imagem que tem aparência de uma identificação”.

Ricoeur (2000, p. 376) ainda acrescenta: “Como o sugere a junção entre ficção e redescritção, o sentimento poético, também ele, desenvolve uma experiência de realidade em que inventar e descobrir deixam de opor-se e na qual criar e revelar coincidem”.



Isso quer dizer que ao ler o conto de fadas, a criança passa a compreender toda a trama como se aquilo estivesse acontecendo com ela. A situação lida é revelada a partir dos problemas vividos pela personagem da história.

Uma das muitas virtudes dos contos de fadas folclóricos é não levantar barreiras separando “assunto de criança” e “assunto de adulto”. Temas que a literatura infantil tradicionalmente procura ignorar ou, pelo menos, amenizar, como os limites humanos, manifestados sob a forma de privações, doenças, separações, envelhecimento, incapacidade física, demência, sofrimento e morte são tratados nos contos de fadas com assiduidade e num tom que beira o casual. (SILVA, 2009, p. 69)

Coelho (2000) diz que, na criança, o conhecimento da realidade se dá através do emotivo, do sensível, da intuição, não pela racionalidade. O pensamento mágico tem uma lógica própria. O “coração” é que determina que rumo a criança deve seguir para compreender a realidade. Ela terá que sentir para compreender.

Existem dois tipos de pensamento, quando se trata de literatura: o pensamento mágico e o pensamento lógico. O primeiro foi amplamente utilizado quando os fenômenos da vida natural não podiam ser explicados, não havia como compreender racionalmente o que acontecia.

Esse tipo de pensamento foi responsável pela criação de uma literatura oral, baseada em lendas, mitos, histórias criadas como forma de revelar a razão para o acontecimento de algum fenômeno. O segundo pensamento, o lógico, surgiu com o avanço do conhecimento científico no mundo, o que levou a literatura, principalmente a infantil, a um outro patamar, o do realismo cotidiano (COELHO, 2000). “O realismo passa a dominar a literatura como forma privilegiada de revelar o mundo”, ressalta Coelho (2000, p. 53).

Embora haja correntes que rejeitem ir além das experiências concretas, o fantástico ainda continua sendo muito importante para a formação da personalidade da criança.

A esse respeito, Coelho (2000, pp. 53-54) destaca:

Lembra a psicanálise que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido à sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção.

Isto é, a criança aprende que o herói, aquele que venceu o problema, conseguiu vencer utilizando uma estratégia, que pode ser seguida por ela e assim obter a segurança desejada. Em outras palavras, a história convence a criança de que ela pode sair da situação em que está para uma melhor. “O texto literário não somente é uma metáfora do real, mas também do existir



presentificado pela linguagem, por isso transgride, rompe, revela, multiplica e (re-)significa” (CAVALCANTI, 2002, P. 37)

Segundo Freud (*apud* COELHO, 2012, p. 120), há uma correlação entre a criação artística (insere-se aqui os contos, os mitos, a poesia etc.) e os sonhos, pois “ambos os fenômenos expressam a satisfação de desejos inconscientes que estão em conflito com forças repressivas”.

A esse respeito, Coelho (2012, p. 123) destaca:

Reis, rainhas, príncipes, fadas, bruxas, duendes, objetos mágicos, profecias, obstáculos, ameaças, auxiliares, provas quase impossíveis de serem vencidas são símbolos de situações arquetípicas: vivências éticas, sociais, existenciais que vêm sendo revividas desde a origem dos tempos, sob diferentes formas, em virtude do desejo de autorrealização do eu em relação ao outro (mundo) que impulsiona o ser humano.

Outro teórico que estudou a simbologia dos contos de fadas foi Carl G. Jung. Para ele, a psique é um vasto oceano (o inconsciente) do qual emerge uma pequena ilha (o consciente). É no inconsciente onde estão guardados os arquétipos que dão forma às vivências típicas que são “suscitadas por fenômenos da natureza ou por experiências existenciais decisivas” (COELHO, 2012, P. 122)

Esses arquétipos, segundo Coelho (2012), dão forma a imagens que se ligam ao que é vivenciado pelo leitor, como medo, frustrações, angústias etc. Isso é o que traz sentido ao texto. A criança lê porque algo lhe chamou a atenção. Talvez uma personagem parecida com ela, um trecho da história semelhante a sua vida ou mesmo um nome peculiar que acaba se ligando ao nome de alguém conhecido.

Parreiras (2009), em seu livro “Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê”, diz que os contos de fadas são textos carregados de simbolismos, e que cada personagem, cada tema remete a várias questões da vida do leitor. Para a autora, às vezes uma pequena história pode desencadear grandes emoções.

Isso porque uma história pode ser curta, mas nos provocar uma gama de sensações e traduzir inúmeros sentimentos. Por isso, há uma condensação da linguagem: cada personagem, cada objeto, cada passagem quer dizer diversas coisas. Por exemplo, a casa de doces da bruxa da história de João e Maria, dos irmãos Grimm, pode representar o mundo novo, a voracidade, a fome, a saciação da fome. Pode ser ainda o encantamento, a falsidade, a beleza, a sedução, a aparência, a oralidade da criança, a ganância, o excesso. (PARREIRAS, 2009, p. 75)

O real e a fantasia se unem através das palavras. Pela expressão “Era uma vez...”, que desperta o leitor para um tempo em que existiu há muito tempo e ainda assim existe, a criança passa a se sentir parte da história. Sendo parte, ela pode mudar a consequência da ação como bem



entender, de modo que ela saia vitoriosa, assim como o mocinho, que sempre vence nos contos de fadas.

É a palavra que muda tudo. Sua força leva a criança a compreender o sentido da sua vida. A mudança vem a partir de palavras mágicas, que dão força, assim como são as histórias: mágicas.

De acordo com pesquisa online, o termo abracadabra é uma palavra mística usada como encantamento. Antigamente, usava-se a palavra para a cura de febres e inflamações. Ela servia como um amuleto contra as doenças. Acreditava-se que a palavra faria a doença desaparecer. Segundo a sua etimologia, que pode vir do aramaico e também do hebreu, o termo significa “Eu crio enquanto falo”.

Ao longo do tempo, a palavra passou a ser utilizada pelos mágicos para dar um ar de mistério às suas mágicas, simbolizando que ele cria algo do nada. Como na etimologia, o mágico vai criando coisas enquanto vai falando a palavra misteriosa, mágica. Abracadabra: e tudo se cria e se transforma.

Ainda hoje, seja nas histórias infantis ou na vida real, a palavra contém muita força. É ela que fere e que também salva, que enfeitiça e que protege. Basta lembrar a bênção que o filho pede e os pais dão. Eles abençoam com a palavra para que tudo corra bem, para que sua vida possa ser repleta de paz.

A palavra é um dos pontos mágicos do processo de humanização. Em tudo que somos e fazemos está a palavra como condição primeira de interpretação e compreensão da realidade. Fala da ausência e da presença e mais do que representação do que vemos ou sentimos é remissão ao faltoso, então ausente. O simbólico é, principalmente, a tentativa de preenchimento do lugar faltoso, ou seja, torna presente algo que “re-vela-se” por meio de representação. (CAVALCANTI, 2002, p. 26)

Bruxas, fadas e palavras mágicas remetem a um universo místico, os quais só existem nas histórias contadas. Quando se fala em bruxas, em história com bruxinhas, com fadas, a criança logo desperta para um mundo onde ela pode ser livre e lá decidir o que fazer com a personagem boa ou má. Sofrer, sentir, ficar aterrorizada com os momentos de desespero vividos, tudo isso faz parte desse universo místico, que depois será transformado para a sua vida com personagens reais e objetos comuns ao seu cotidiano.

Os cenários projetados nas histórias, embora irrealis, se tornam bem familiares às crianças, que começam a vê-los como extensões dos lugares onde elas vivem, como quarto, pátio, escola, roda social etc. Assim, um mundo que parecia muito distante se torna tão próximo a ponto de ecoar na criança o grito dos que precisam de ajuda. Talvez ela mesma. Ao perceber esse pedido de ajuda,



cria forças para salvar o mocinho que está em apuros. E como um abracadabra, vai criando enquanto ecoa a palavra mágica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da importância da literatura infantil para o desenvolvimento da criança, especialmente para o fortalecimento da consciência crítica da criança, pode-se perceber que os contos de fadas exercem um papel preponderante no imaginário infantil.

São os contos de fadas responsáveis pela mudança de atitude e, muitas vezes, de postura, diante de determinadas situações vividas pelas crianças. Situações essas que impõem sentimentos de medo, de frustração, de exclusão, de perda e que são superados a partir dos exemplos dados pelo mocinho na história.

Em muitas situações, as histórias mostram que através da amizade e do companheirismo é possível transpor os obstáculos, conseguindo derrotar o mal e vivendo momentos de paz e alegria.

São as situações expostas nos contos de fadas que levam a criança a refletir sobre o que está acontecendo em sua própria vida. A partir das metáforas criadas nas histórias, a criança passa a perceber que tudo aquilo vivido pelo mocinho é semelhante ao que está acontecendo no seu cotidiano.

Ao professor, cabe a tarefa de ensinar a criança a ler, como afirma Soares (2006), fazendo uso de estratégias mediadoras que sirvam de ponte entre o que dizem os contos de fadas e o que o leitor vivencia.

Era uma vez... sempre foi e continua sendo, alimentando o imaginário infantil e promovendo uma mudança na personalidade do leitor, que se vê envolto em situações dramáticas e, muitas vezes, aparentemente insolúveis.

Ao formular as perguntas essenciais para a descoberta de si mesma, a criança está buscando interagir com a história e, mais do que isso, buscar a solução para o problema pelo qual está passando.

São as palavras mágicas que transportam a criança para um passado distante e ao mesmo tempo próximo que põem a criança em constante reflexão acerca de sua realidade. Abracadabra: e tudo se transforma. Era uma vez e é hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BANDEIRA, Pedro; HERRERO, Carlos Edgard. **A pequena bruxa**. Moderna, 1998.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. Arlene Caetano. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **O conto de fadas: Símbolos, mitos, arquétipos**. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

GASPARETTO, Luiz Antonio. **A vaidade de Lolita**. Vida e Consciência, 1997.

LAJOLO, Marisa. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Língua portuguesa**. 3. ed. Brasília, 2001.

PAIVA, Aparecida; RODRIGUES, Paula Cristina de Almeida. **Letramento na sala de aula: desafios e possibilidades** in CASTANHEIRA, Maria Lúcia; MACIEL, Francisca Izabel Pereira; MARTINS, Raquel Márcia Fontes (Orgs.). **Alfabetização e letramento na sala de aula**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora: Ceale, 2009.

PARREIRAS, Ninfa. **Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê**. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

RICOEUR, Paul. **A metáfora viva**. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. 2. ed. rev. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula**. UNESP.

VARGAS, Laerte. **Os olhos são a janela da alma do contador**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0034.html>>. Acesso em jan. 2016.

WIKIPÉDIA. **Abracadabra**. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Abracadabra>>. Acesso em: jan. 2016.